o relógio de parede

sara aidos

SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

CRYING DOES NOT INDICATE THAT YOU ARE WEAK. SINCE BIRTH, IT HAS ALWAYS BEEN A SIGN THAT YOU ARE ALIVE.

CHARLOTTE BRONTË

1

Se os animais espirituais forem reais, acho que o meu deve ser um felino. Pelo menos, sinto que o Sol tem o mesmo efeito em mim nas tardes de domingo, em que não me apetece mexer para lá do sofá.

Eram cinco da tarde, portanto, faltavam sete horas para a meia-noite. Não que eu fizesse ideia de que a meia-noite daquele dia fosse importante. Aliás, nem mesmo quando chegou eu soube, quanto mais naquele momento, deitada naquele sofá, ao lado da janela.

— Mel?

A minha mãe interrompeu-me os pensamentos, que nada tinham que ver com a meia-noite, mas sim com animais espirituais. Suspirei e abri os olhos. Lá estava ela, de pé e com as mãos nas ancas, olhando-me como se fosse alguma blasfémia querer descansar a meio da tarde.

— Estares tanto tempo sem fazer nada não te faz bem — disse-me.

— Engraçado, pois sinto-me ótima — respondi, tornando a fechar os olhos.

Ouvia o burburinho da televisão ainda ligada, mas à qual deixara de prestar atenção.

— Anda lá, levanta-te e faz qualquer coisa — insistiu ela, fechando a caixa de biscoitos que eu deixara na mesa de centro. — Estás a desperdiçar um excelente domingo.

— Depende da perspetiva — retorqui, levantando a cabeça e dando uma festinha ao meu gato, ainda enroscado na almofada. — O *Elvis* concorda comigo.

Ele ronronou, oferecendo a sua barriga de pelo negro para receber mais festinhas. A minha mãe sorriu com o argumento.

— Está bem, mas já tiveram bastantes horas para ronronar juntos. — Olhou para o relógio no seu pulso. — Vem fazer uma caminhada comigo, apanhar ar fresco.

— Fresco? — repeti. — Tens a certeza? Com este calor?

Ela tornou a meter as mãos nas ancas, e eu levantei-me, derrotada. Nesse momento, o gato saltou para o chão, entretendo-se com os desenhos que o sol pintara no tapete.

— Ganhaste — disse eu, sorrindo. — Mas acho injusto que o *Elvis* não tenha de vir também.

Ele nem se dignou a olhar para mim, demasiado embrenhado no movimento das luzes. Apanhei o cabelo castanho-caramelo num rabo de cavalo alto, não fosse o calor derreter-me, e saímos de casa. Descemos a rua juntas, aproveitando a sombra das árvores dos quintais vizinhos. O céu sorria um azul lindo e a brisa soprava uma fragrância floral. A minha mãe até tinha razão, aquele passeio fazia-me sentir mais viva, mas não lhe daria a vitória de mão beijada.

— Vais dizer que não sabe bem? — perguntou-me, como se me pudesse ler os pensamentos.

— Só um bocadinho… — admiti, dando-lhe um beijo no topo da cabeça.

Apoiei o braço no seu ombro. Ela não gostava que eu fizesse isso: vangloriar-me de ser um pouco mais alta do que ela. Mesmo assim, sorriu-me, embora me tenha parecido notar um breve revirar de olhos. A minha mãe tem uns olhos bem verdes, que parecem duas esmeraldas à luz do Sol. A mim, calhou-me uma mistela castanha com gotas esverdeadas, estilo água suja de aguarela. Não desgosto. Dão-me um qualquer toque de artista.

Sentei-me num banco verde, à sombra. O riso de um grupo de crianças divertidas ecoava pela rua.

— Já cansada? — troçou ela.

— Vá lá, mãe, estamos a caminhar há uma eternidade. — Limpei a transpiração da testa. — Temos sequer algum destino?

— Temos, pois. E já o terias descoberto se tivesses olhado para a tua direita, em vez de usares cada momento disponível para maldizer a caminhada.

Virei a cabeça, tentando entender de que falava. E ali estava ela, linda, iluminada pela luz do fim do dia: uma loja de antiguidades.

— Mãe! — exclamei, esquecendo logo o cansaço.

— Descobri-a de manhã e achei que irias gostar. — Sorriu.

A minha mãe sabia que eu adorava coisas antigas. Desde vinis a coleções de cassetes, a pequenas caixinhas bonitas e espelhos adornados. Muitos objetos que talvez não tivessem valor para as outras pessoas, mas

que, para mim, traziam histórias magníficas. Não consigo explicar a origem desse interesse, talvez a busca por um outro passado que não fosse o meu.

Levantei-me num ápice, ávida de entrar. Percorri a calçada até à estrada, já à frente da minha mãe, quando me cheguei para diante e um carro veloz passou de raspão. Senti a mão da minha mãe à volta do pulso, puxando-me para trás e evitando o que seria um acidente infeliz.

— Mel! — gritou ela, mesmo depois de o carro já ter passado. — Quantas vezes tenho de te dizer para olhares para a estrada antes de atravessares? — perguntou, preocupada.

— Desculpa… — balbuciei.

Não era surpresa que, às vezes, a emoção me levava a melhor. Reconfortei-a, prometendo que teria mais cuidado, e atravessámos a estrada, sempre de olhos na fachada da loja. Estava um pouco escondida, como se não quisesse dar nas vistas entre as outras casas. Quase encolhida, era perfeita. Uma fachada de madeira escura e desgastada pelo tempo indicava o nome da loja, numa letra cursiva pintada. O vidro das janelas era fosco, mas, ainda assim, lançava um convite subtil aos transeuntes curiosos. Coloquei as mãos em torno dos olhos, encostando-as contra ele, mas via-se muito pouco. Precisava de entrar. Ouvi ao longe um zumbido na minha cabeça e, quanto mais me aproximava da maçaneta de ferro, mais alto ficava. Seria o destino a chamar-me? As histórias daqueles tesouros perdidos… ou algo mais?

Parei de lutar contra a minha curiosidade e empurrei a porta.

2

A campainha soou assim que a porta cedeu à minha pressão, abrindo-se. Uma lufada de ar impregnada com o aroma a papel, madeira e incenso deu-me as boas-vindas. A loja parecia maior por dentro do que por fora. Vários móveis de madeira antigos dispunham-se nos lados, deixando ao centro um longo corredor. Percorri-o lentamente, tentando absorver toda a riqueza ao meu redor. Havia algumas pinturas a óleo nas paredes, outras, infelizmente, tapadas com lençóis. Todo aquele espaço tinha uma certa neblina de mistérios e momentos escondidos entre o pó.

— Procuram algo específico? — alguém perguntou.

Olhei em frente. Atrás de um pequeno balcão de mogno, encontrava-se um vendedor muito baixo e gordo. Ao seu lado estava um outro, altíssimo e magro, com um bigode arrebitado. Pareciam uma qualquer dupla de um desenho animado.

— Estamos só a ver, obrigada — respondeu a minha mãe enquanto eu ainda absorvia toda a energia daquele lugar.

O vendedor mais alto olhou-me de soslaio quando passei a mão por um lindo porta-joias. Afastei-me dos seus olhos fixos, por detrás de um grande armário de pau-preto, onde encontrei algumas peças de cerâmica e um jogo de xadrez em que cada peça fora detalhadamente esculpida em pedra. Só então ergui a cabeça, deparando com a cortina de veludo púrpura que tapava parte da parede. Cheguei-me mais perto, para avaliar o material. Era macia, mas parecia demasiado pesada para o meu quarto. Porém, por algum motivo desconhecido, não a larguei logo. Se a tivesse deixado ali, tudo teria sido diferente. Em vez disso, puxei-a para o lado, encontrando o magnífico relógio ali escondido.

O relógio de parede não era muito grande e a sua estrutura exterior

era feita de madeira. Ao centro tinha o que se assemelhava a uma pequena porta de vidro fechada e, lá dentro, o mostrador. Os números romanos negros contrastavam sobre o círculo branco, disposto num fundo dourado adornado. Cada ponteiro era uma chave dourada, marcando as seis e meia da tarde. Desde o momento em que vi aquele relógio, soube que não sairia do antiquário sem ele.

Senti o olhar dos dois vendedores novamente sobre mim. *Que raio, mas acham que vou roubar alguma coisa?* Endireitei a postura e voltei-me para os fitar.

— Algum problema? — perguntei, com um sorriso forçado.

Eles recompuseram-se rapidamente, tentando disfarçar a espionagem descarada.

— Não, não, não… — apressaram-se a dizer, voltando para o balcão.

Ainda os ouvi a cochichar qualquer coisa, mas estavam demasiado afastados para entender o quê. Tornei a olhar para o relógio. Não havia dúvida, era magnífico.

— Estás a afeiçoar-te? — A minha mãe colocou a mão no meu ombro, fixando também o objeto. — É bonito.

— É, não é? — concordei, sem mover o olhar.

Ficámos assim por uns segundos, em silêncio. Tinha receio de que, se dissesse alguma coisa, ela quisesse mudar de assunto, pois eu queria mesmo, mesmo aquele relógio. Coloquei o meu melhor olhar de cachorrinho desejoso e virei-me para ela.

— Já pensaste em como ficaria esplêndido no meu quarto? — perguntei.

— Também ficaria esplêndido no meu…

Lancei-lhe um fingido olhar zangado, e ela riu-se.

— Para que é que precisas de mais um objeto, se já tens tanta coisa no quarto?

— Mas não tenho um relógio — contra-argumentei. — Se calhar, é exatamente o que eu preciso para me tornar uma jovem pontual e organizada, mãe. Queres mesmo privar-me desse crescimento interior?

— Se queres ser organizada, podes começar por arrumar o teu quarto — disse-me ela, cruzando os braços — Aposto que encontras montes de crescimento interior entre a roupa suja.

Revirei os olhos, não escondendo um riso, mas não podia perder.

— Por favor — disse, de repente muito séria. — Eu preciso deste relógio, mãe.

— Mel…

— Mas tu também sabes isso, não sou só eu — continuei. — De outro modo, porque é que haverias de me trazer a uma loja de antiguidades?

Ela coçou o queixo, curiosa sobre até onde chegaria o meu raciocínio.

— Tomaste a decisão consciente de me trazer ao antiquário — expliquei, andando à sua volta. — E escolheste fazê-lo porque me conheces e sabes como gosto destes objetos. No fundo, sabias que, mais tarde ou mais cedo, eu iria apaixonar-me por uma relíquia aqui à minha espera e, mesmo assim, decidiste trazer-me. Sabes porquê?

Ela não respondeu, embora se notasse que estava divertida.

— Porque me queres ver feliz. És a minha mãe, queres ver-me feliz e, por isso, trouxeste-me aqui. Portanto, não achas que seria algo hipócrita agires contra as tuas próprias convicções, que até te trouxeram aqui, e negares a felicidade da tua própria filha?

Uns minutos mais tarde estávamos ao balcão e eu tinha o relógio nas mãos. Os dois vendedores ainda sussurravam qualquer coisa que não conseguia entender, mas também não me importava. Só sei que olhei para a minha mãe e pensei como a amava. E não apenas porque me tinha acabado de comprar um dos objetos mais bonitos que alguma vez vira. Por tudo. E, no entanto, se tivesse prestado atenção ao que os vendedores estavam a sussurrar, talvez nunca a tivesse posto em perigo.

3

Afastei a franja acortinada dos olhos, pensando que, talvez, não tivesse sido a melhor ideia vestir o pijama ainda com o cabelo molhado. Contudo, com o calor que estava, não me pareceu que continuasse assim por muito mais tempo. Deixei a casa de banho para entrar no meu quarto e pousar o olhar naquele espaço onde, algures entre o jantar e o banho, pendurara o meu relógio. Era imponente. E, no silêncio do final do dia, ouvia-se um leve…

Tiquetaque
Tiquetaque
Tiquetaque

Não me incomodava, de certo modo, era até embalante. A minha mãe já devia dormir, e do gato, nem sinal. Apenas eu ainda deambulava silenciosamente de um lado para o outro, uns minutos antes da meia-noite. Quando o cansaço se apoderou de mim, deitei-me na cama, o cabelo ainda um pouco húmido, e fixei o teto verde. Pintara-o quando era pequena, porque, na altura, tinha uma obsessão qualquer com a cor. Ainda gostava, mas com o desgaste ele ganhara uma tonalidade perto do verde-vómito. Não era a cor ideal, mas fui eu que o pintara sozinha, e isso trazia-me um certo orgulho que me impedia de o mudar.

Com a cabeça na almofada macia, refleti no que tinha de fazer no dia seguinte e desejei profundamente que o universo decidisse que não traria a segunda-feira tão cedo. Inclinei a cabeça para a esquerda, observando os ponteiros-chave que se aproximavam do doze, no brilho ténue da luz de presença.

Tiquetaque
Tiquetaque
Tiquetaque
Meia-noite.
Adormeci.

E, no entanto, acordei.

Ainda de olhos fechados, sem me aperceber da mudança que a noite trouxera, senti o perfume de pinheiros. Então, passou-me uma brisa fresca pelo rosto, tão agradável como o sonho bonito que imaginei que aí se avizinhava. Profundamente envolvida naquele clima sossegado, virei-me, chegando à bordinha da cama, como sempre fazia. Deixei cair um braço de lado, esperando sentir o pelo macio do meu tapete, e só então entendi: algo estava errado. Em vez da fibra macia, o que recebeu a minha mão foi uma planta fresca, cortada… Acariciei o chão, desorientada. Relva. Estava relva no chão do meu quarto. *Que estranho.*

Reuni forças para reabrir os olhos, convicta de que a sonolência me pregava alguma partida. Se não adormecesse rapidamente, ir-me-ia custar muito mais levantar-me no dia seguinte. Porém, todos os pensamentos foram engolidos bruscamente assim que as minhas pálpebras cederam e contemplei o lugar, tão longe do meu quarto, onde me encontrava.

A cama era a mesma, isso era verdade. No entanto, de alguma maneira que não conseguia decifrar, encontrava-se no meio de um denso pinhal. Olhei para cima, embasbacada com a altura ridícula das árvores à minha volta, tapando aos pedaços o céu amarelo-torrado. *Que bizarro.* A toda a volta só se viam pinheiros, pelo que era impossível entender para onde aquele sonho me levara. Aproximei-me da borda da cama, sentando-me, e a relva fez-me cócegas nos pés descalços. Prendi o cabelo, ainda húmido, atrás da orelha. Mesmo o ar da noite parecia, de certo modo, mais espesso naquele lugar.

Impulsionada pela curiosidade, levantei-me e, mal o fiz, algo mais surgiu. Uma melodia, ao longe. Não a conseguia reconhecer, mas soou-me familiar. Era difícil precisar onde a ouvira antes, mas foi o suficiente para, um passo atrás do outro, me fazer embrenhar naquela pinhal. À primeira vista, acreditaria que era a única pessoa ali, mas a música foi aumentando a cada passada e, com ela, vieram algumas vozes. Era difícil entender a origem de tais sons à minha volta, mas, como se aquele local conseguisse ouvir os meus pensamentos, deparei com uma pequena placa de madeira com uma indicação escrita. Uma placa que me fez crescer um sorriso de orelha a orelha.

***

A MÚSICA ALEGRE EMBALAVA-ME OS OUVIDOS. O MESMO TIPO que ouvira tantas vezes, talvez até exatamente a mesma. Porém, pela primeira vez, não era um sonho inalcançável. Ela estava ali para mim.

O meu coração palpitava, desperto, e ouvia-o cada vez mais alto a cada placa que passava.

Feira popular

Feira popular

Feira popular

Eu nunca colocara os pés numa feira. O que era surpreendente, porque durante anos morara ao lado do terreiro da feira popular. Quantas vezes adormecera imaginando as luzes, o barulho, a liberdade de estarmos tão alto... a adrenalina. Um sonho tolo de uma criança, talvez. Ou talvez fosse mais do que isso.

Naquela altura, tudo era diferente. A minha mãe trabalhava muito, mal passava tempo comigo, nem tínhamos oportunidades para isso. Contudo, nada disso me impedia de imaginar noite sim, noite não, como seria estar lá enquanto ouvia a música longínqua, deitada na minha cama, olhando para os autocolantes brilhantes de estrelas, colados no teto.

Entretanto, mudámo-nos, e eu cresci. Penso que nunca houve uma feira na minha cidade, ou talvez já não fosse tão importante para mim encontrar uma. Acho que o esqueci. Talvez tenha querido esquecer, não sei ao certo. Porém, naquele momento, sabia que, pelo menos uma parte de mim, não o esquecera completamente. Sabia-o porque não conseguia impedir um sorriso nos lábios, vendo-a diante dos meus olhos, tão brilhante e mágica como a imaginei quando era pequena.

Aproximei-me da banca dos bilhetes, ao lado do arco luminoso da entrada. Parecia um portal colorido para um mundo novo do outro lado. Uma adolescente de cabelo azul e uniforme vermelho encontrava-se sentada dentro da pequena estrutura de madeira, pintada às riscas.

— Quantos bilhetes? — perguntou-me, distraidamente.

Então, apercebi-me de que ainda estava de pijama e de que não trazia dinheiro comigo. Praguejei mentalmente. Olhei em volta, sem saber muito bem o que procurava. Não havia mais ninguém na fila, e as vozes contentes do outro lado chamavam por mim. De qualquer maneira, estava a sonhar, portanto, entrar sem pagar não seria exatamente uma calamidade. Antes de decidir o que fazer, uma rapariga passou a correr por mim, dando-me um encontrão.

— Ei! Vê lá por onde…

Sem me deixar terminar, a rapariga deixou cair um punhado de bolotas sobre as minhas mãos.

— Guarda isto por mim, está bem? — pediu-me, deixando-me ver o seu rosto apenas um segundo antes de se afastar, disparada.

Preparei-me para a chamar, desorientada, mas quando o meu olhar voltou à concha que formava com as mãos, as bolotas haviam desaparecido, transformando-se num punhado de moedas. Olhei em volta, tentando localizar a rapariga. Como é que ela era mesmo? A pele escura e o cabelo castanho preso numa trança… mas nenhum sinal dela.

— Então, vai pagar ou não? — questionou-me a rapariga de cabelo azul, como se não tivesse presenciado o que acabara de acontecer.

Olhei em volta mais uma vez. Uma energia pulsante acariciava-me a pele, puxando-me. De qualquer maneira, não passava de um sonho, certo? Pousei as moedas no tampo de madeira.

— Quantos bilhetes isto der.

4

A minha cabeça estava prestes a explodir. No bom sentido, claro. Com quatro bilhetes no bolso do meu pijama, andava entre as tendas coloridas. Nem sequer me importei que os meus pés descalços se colassem ligeiramente ao chão pegajoso, porque tudo era… perfeito. As luzes coloridas a piscar em todos os lugares, a música, o cheiro maravilhoso a comida e fritos… Fechei os olhos, deixando que o ar quente da noite me beijasse a face. Quando acordei no pinhal, também seria de noite? Tinha a estranha impressão de que não, mas isso não importava. O céu estrelado parecia ter sido feito para aquele pedaço de vida brilhar.

Um conjunto de crianças passou a correr por mim, entusiasmado para entrar na casa assombrada. Outro grupo subia e descia dos póneis de um carrossel redondo. E eu? Qual seria a primeira atração que queria experimentar? Ou seria já demasiado crescida para isso? O som repetitivo de qualquer coisa a bater em metal chamou-me a atenção. Uns metros à minha frente estava uma banca com pistolas, e as minhas dúvidas desapareceram.

— Tens de acertar em todas as latas com onze tiros para ganhares o maior prémio — explicou-me o senhor de cabelo grisalho, apontando para um lindíssimo rádio antigo. *Qual seria a probabilidade de aquele ser o melhor prémio?* — Temos também outras recompensas, dependendo do número de latas em que acertares — continuou, alheio aos meus pensamentos.

Entreguei-lhe um dos meus bilhetes e baixei-me, para lapidar a minha pontaria. Eram oito latas, pelo que teria menos de duas tentativas para acertar em cada uma. Um tiro. Uma lata. Sorri para mim mesma. Segundo tiro, mais uma lata. Seria sorte de principiante ou seriam as latas da frente

mais fáceis de acertar propositadamente, para os jogadores falharem nas últimas e gastarem mais dinheiro? Mais um tiro, outra lata. Claro que, se calhar, a melhor explicação era o facto de nada ser real e eu estar a sonhar. De qualquer maneira, era real o suficiente para mim. Quarto tiro, nenhuma lata. Pelo canto do olho vi o vendedor torcer o lábio. Agora é que o jogo deveria começar a complicar-se. Fechei um olho, concentrando-me ao máximo na posição das latas. Inspirei e expirei antes de atirar, mas uma brisa fria impediu-me de mover o dedo. Um arrepio desceu-me pela espinha e, subitamente, senti-me desconfortável. Quase como se… a feira completa tivesse travado e toda a gente estivesse a fixar-me. Falhei o tiro. Quando olhei em volta, todos continuavam a sua vida, sem sequer repararem em mim, e a brisa noturna continuava quente. Deveria ter sido uma ilusão da luz, talvez mesmo do próprio jogo. *Estranho*, pensei, relembrando-me de que os sonhos costumam ser estranhos.

Acabei por acertar em cinco latas no total, tendo de me despedir do lindo rádio castanho e dourado, para grande pena minha. Por outro lado, ganhei um pequeno urso de peluche que chamou a atenção de uma menina adorável ao meu lado.

— Queres ficar com ele? — perguntei, reparando nos seus olhares furtivos.

As suas pupilas dilataram-se tanto que tive de conter uma gargalhada. Ela assentiu e foi a correr mostrar o urso ao irmão mais velho. Afastei-me da banca e segui caminho por entre as tendas com jogos de argolas e montras de peluches. O ruído enchia-me os ouvidos, mas as vozes eram alegres e a energia, contagiante.

— Pipoca! Pipoca quentinha! — ouvi um vendedor a gritar.

— Temos algodão-doce! — gritou outro.

A minha cabeça girou para cada lado, com aquelas deliciosas palavras. De facto, a minha barriga já dava horas e o aroma a açúcar começava a tornar-se irresistível.

— Quem quer um cachorro-quente? — gritou uma vendedora. — Batata frita a acompanhar!

Era humanamente impossível recusar todas aquelas iguarias, pelo que deixei de resistir quando cheguei perto da banca de churros e farturas. O senhor redondo vestido de branco sorriu quando me aproximei.

— Que vai ser, menina? — perguntou.

O meu olhar caiu sobre a lista de sabores. Chocolate, avelã, morango, *chantilly*…

— Oh, não tem chocolate branco — deixei escapar em voz alta.

Nesse preciso momento, o vendedor estendeu-me um churro pronto, tão rápido como se já estivesse à minha espera.

— Aqui está um churro com chocolate branco — disse, entregando-mo. — Custa um bilhete.

Olhei novamente para a lista de *toppings*. *Chocolate branco.* Mesmo entre o chocolate e a avelã… *Curioso, tinha quase a certeza de que não estava lá antes.*

Paguei ao senhor e encaminhei-me para a bancada ali ao lado, saboreando a crocância da massa, que se desfazia no interior da minha boca enquanto absorvia tudo à minha volta. O chocolate sujou-me a boca toda e eu nem me importei, de tão sedoso que era. Estava a sonhar, sim, mas estava também a viver um sonho. O meu sonho, na verdade, e só isso tornava-o real o suficiente.

Foquei o olhar na pista de carrinhos de choque à minha frente. De certeza que já não tinha tamanho para caber num daqueles. A Mel pequena teria ficado radiante por poder estar ali, escutando a música dos carrosséis de tão perto. *Talvez ela esteja aqui agora, comigo*. Esse pensamento trouxe-me uma certa paz. Pelo menos, até reparar melhor no que estava à minha frente. Enquanto os meus olhos desfocavam o mundo ligeiramente e eu me perdia na minha mente, os carrinhos de choque pareceram mover-se numa dança coreografada. Programada. Veio-me outro pensamento à cabeça, mas preferi não me mexer, não fosse essa consciência perder-se. As sombras pareceram escurecer, como se toda uma camada sinistra se escondesse por debaixo da luz e da cor. Parecia que a música cessara, mas não conseguia afirmá-lo com certeza.

Afinal, onde é que estou?

A estranha sensação de que me observavam voltara, a sensação de todos andarem de modo coreografado como se não estivessem ali. Como se mais ninguém estivesse ali… exceto eu.

— Aproximem-se! — ouvi uma voz, e a minha cabeça voltou ao presente.

As pessoas continuaram a andar e a conversar, divertidas. Como devia ser, numa noite de feira normal. A sensação passara.

— Meninas e meninos! Senhoras e senhores! — A voz continuou, amplificada pelos megafones. — O grande espetáculo de ilusionismo está prestes a começar!

Levantei-me, intrigada, e segui o fluxo de pessoas que se juntavam

cercando um palco, de cortinas vermelhas. No centro, estava o homem de cartola, dono das palavras:

— Mantenham os olhos bem abertos, pois nem tudo é o que parece — continuou, num tom misterioso. — E preciso de vos conhecer antes de o tempo acabar.

Foi então que a vi no meio da multidão. A rapariga da trança negra.

— Ei! — gritei, sem saber o seu nome. — Vem cá!

Algumas pessoas voltaram-se para mim, mas ela, não. Apenas continuou a embrenhar-se na multidão, e eu segui-a. Não percebi como me tinha dado aquele dinheiro, mas, de qualquer modo, tinha de lhe agradecer.

— Para o meu primeiro truque — continuou a voz — preciso de de vos fazer uma questão.

Tentei aproximar-se, mas a multidão era cada vez mais densa e difícil de atravessar.

— Porque já aqui estão fechados, quer queiram, quer não.

Lembro-me de pensar que aquelas palavras eram um tanto esquisitas, mas esse pensamento escapou, junto com a rapariga. Ela virou-se e olhou para mim. Eu acenei-lhe e ela virou costas, andando rapidamente na direção contrária.

Está bem, não queres o meu agradecimento, não o tenhas.

Queria pensar assim, mas admito que estava curiosa. Além disso, tomei aquilo como um desafio, portanto, levantei a cabeça e não voltei atrás.

— Aqui, posso tornar todos os vossos sonhos realidade! — dizia o ilusionista no palco. — O que dizem, parece-vos bem?

Segui-a até fora daquele aglomerado de gente, mas perdi-a de vista. *Raios.* No entanto, agora que me encontrava do outro lado da feira, vi outra coisa que me fez esquecer tudo o resto: a roda-gigante. Era enorme, branca, brilhante… magnífica. O ar exalava a liberdade, só de imaginar como seria estar tão perto das estrelas. Deixar de ter os pés presos à terra e simplesmente… voar.

— Mesmo que isso inclua os vossos pesadelos, sabem?

A voz do ilusionista ainda soava, mas eu já não o escutava, tal estava o meu queixo caído. E, por conta do espetáculo, toda a fila que deveria existir ali desaparecera, deixando a roda só para mim.

Sorri enquanto me aproximei dela, paguei o bilhete e apertei o cinto. A funcionária aguardou uns segundos para verificar que mais ninguém iria entrar, até começar a subir, a subir, a subir. Tal como a adrenalina

crescia em mim, vendo o chão tão longe. Como se aquilo me afastasse dos problemas e dos desgostos que o meu coração carregava. Como se, por um segundo, eu pudesse ser uma criança numa feira. Não uma criança a ouvi-la da cama. Não uma criança que tinha medo de estar em casa. Medo *dele*. Uma criança livre. Uma adolescente sem desgostos passados. Uma pessoa feliz.

A brisa fresca acariciou-me a face e eu fechei os olhos, embalada.

5

Fui recebida no mundo dos despertos pela cor verde-vómito que me invadiu as pálpebras ainda semicerradas. Talvez devesse pintá-lo de laranja ou de uma outra cor que me desse vontade de viver, em vez de me fazer querer esconder para sempre debaixo dos lençóis. Porém, à segunda-feira, não. Às segundas tinha direito a queixar-me.

Arrastei-me para fora da cama e comecei a vestir as minhas calças largas entre bocejos. Lembrei-me então de que o lindo relógio também tinha uma utilidade.

— Fogo — sussurrei entre dentes, após um vislumbre do meu atraso, e enfiei mais depressa as minhas *Vans* aos quadrados.

Já estava em frente ao balcão do Coffee Blues quando ouvi o toque de mensagem. O aroma reconfortante de café recém-torrado pairava no ar, misturando-se com a melodia da música ambiente de bom gosto.

— Bom dia, Mel — cumprimentou-me o empregado. — O mesmo de sempre?

— Sabes que sim, Ben — respondi, embora ainda avaliasse o aspeto dos *muffins* expostos. — Como andas? Muito movimento por aqui?

Algumas pessoas encontravam-se sentadas: estudantes concentrados nos computadores e um casal que partilhava uma fatia de bolo de chocolate… mas a maioria saía tão rápido como entrava, já com um copo de café na mão.

— O costume — disse ele enquanto preparava a minha bebida. — E a tua mãe, como está?

— O costume — encolhi os ombros. — Mas acho que tem um novo namorado.

Outra barista passou por nós com uma travessa de *croissants* e piscou-me o olho.

— Não me pareces muito feliz com isso — continuou Ben.

— Sabes como sou…

— Sei — respondeu, entregando-me o meu café gelado.

Senti a bebida fresquinha arrefecer-me as mãos.

— Qualquer coisa podes falar comigo — acrescentou ele. — Há algum tempo que não temos uma saída todos, podíamos combinar um cinema com o Enzo, com a Vic…

— É verdade, como anda a tua senhorita? — Apoiei-me no balcão, com um sorriso maroto. — Vejo que as coisas entre vocês estão a evoluir…

Vic voltou com a travessa vazia e ele lançou-me um olhar alarmado.

— És uma chata, Mel. — Riu-se. — Pensando melhor, se calhar combino só com o Enzo…

— Que disparate, ambos teriam demasiadas saudades minhas.

A senhora atrás de mim na fila tossiu um pouco mais alto do que o necessário e percebi que era a minha dica. Despedi-me dele e segui caminho.

Conheci Ben quando nos mudámos para cá. Era filho da única pessoa que a minha mãe conhecia na cidade e, embora fosse um pouco mais velho, ajudou-me a ambientar-me como um irmão afastado, incluindo a oferta de uma bebida em dias mais complicados. Já era hábito passar na cafetaria em que ele trabalhava todas as manhãs, para obter a minha dose única de motivação para sobreviver às aulas: café gelado. Dizer que adorava café gelado seria um eufemismo, é mais uma necessidade que tenho para viver.

Beberiquei o café enquanto seguia rua abaixo, passando por uma série de prédios repletos de escritórios. Peguei no telemóvel e desbloqueei a notificação de mensagem, já adivinhando que seria de Enzo.

«Hoje não vou à escola, Favo de Mel, tenho dentista. Sinto muito (ou não). Diverte-te em Geografia!»

— Idiota — disse entre dentes.

«Como se o dentista durasse um dia inteiro... Sinto muito se te arrancarem os dentes (ou não)», escrevi de volta.

Ri-me da minha própria resposta enquanto arrumava o telemóvel na mochila. Porém, se nem sequer tinha Enzo, significava que precisaria de mais do que um café para atravessar a segunda-feira. Voltei a pegar no telemóvel, pus os fones e deixei que o Freddy Mercury fizesse o seu trabalho.

Não sei o que é mais aborrecido. Se uma aula de Geografia, se o relógio da minha sala de Geografia. Mesmo assim, não consigo tirar os olhos dele durante todos os minutos desta tortura, espelhados

num básico branco de ponteiros pretos. Cada segundo que passa demasiado devagar… especialmente devagar por ser uma aula que detesto. O tempo é um sádico. Se ao menos o Enzo aqui estivesse, podia distrair-me com as fofocas de uma festa qualquer cheia de gente que não conheço, mas assim só me resta fixar os ponteiros praticamente imóveis e pensar como o meu relógio é tão mais interessante. Idiotas sem gosto.